

**MALVEIRA, Ricardo Ribeiro.** “Mas que promessas, são aquelas, que vai e que vêm”: Um olhar e sentir a partir de rastros e escrituras presentes no ensaio dos Catopês de São Benedito de Montes Claros. Montes Claros; Professor do Departamento de Artes/ Coordenador do Curso de Artes Teatro – Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC; Universidade Federal da Bahia – UFBA; Doutorando; Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucia Fernandes Lobato; Ator e Professor de Teatro no Ensino Superior.

## RESUMO

O presente estudo propõe uma análise a partir dos primeiros procedimentos para a pesquisa de doutorado iniciada em 2011, analisando as escrituras das cenas dos Catopês de Montes Claros. Ainda dando continuidade ao estudo do Congado de Montes Claros, organizado na dissertação de mestrado intitulada: Os Catopês de São Benedito em Montes Claros: Rastros de uma Ancestralidade Mineira Negra e Festiva, onde, através da etnografia dos Catopês do Terno de São Benedito e seus ritos espetaculares, foi feita uma aproximação das tradições Negras e Festivas do Congado de Montes Claros. Estas duas pesquisas se justificam pela importância do Congado para o imaginário norte mineiro. É proposta uma nova apreciação desta manifestação através da descrição do ensaio no dia 7 de maio para as Festas de Agosto de 2011. E é proposto também um sentir a partir do que acontece antes das festas e que já revela rastros ancestrais de comemorações anteriores e do cotidiano dos brincantes Catopês, sendo, naquele momento, uma escritura. É relatado o encontro do pesquisador com os rastros desta tradição, presentes nas escrituras daquele dia de ensaio. Para este estudo tem-se como base teórica inicial o olhar de Suzan Sontag, os conceitos de rastros, escrituras e acontecimentos propostos por Jacques Derrida, o olhar para o corpo de Marcel Mauss, os estudos realizados para a dissertação de mestrado, além das novas pesquisas de campo junto aos brincantes. A partir de uma análise compreensiva do ensaio dos Catopês e seus acontecimentos, testa-se uma narrativa que contemple as especificidades deste tipo de manifestação e que reforce a necessidade de buscar procedimentos para as especificidades da cena popular brasileira.

**Palavras-chave:** Rastros. Catopê. Ritos Espetaculares. Acontecimentos. Escrituras.

## ABSTRACT

This study proposes an analysis from the first procedures for the doctoral research started in 2011, analyzing the scriptures of the scenes of Catopês of Montes Claros. While continuing the study of Congado in Montes Claros organized in the master's degree dissertation entitled: The Catopês of St. Benedict in Montes Claros: Traces of Mineira, black, and festive ancestors, where through the ethnography of the Catopês of St Benedict's Terno and its spectacular rites was made an approximation with Black traditions and the Congo festival of Montes Claros. These two studies are justified by the

importance of the Congado into the Norte Mineiro imaginary. It is proposed a new appreciation of this event by describing the rehearsal on May 7 to the festivities of August 2011. It is also proposed a feeling from what happens before of the festivities and that already shows ancestors traces from previous celebrations and from daily life of Catopês players, being at that time a scripture. It is reported the meeting between the researcher and the traces of this tradition present in the scriptures of that rehearsal day. For this study, has been taken as theoretical basis, the look of Susan Sontag, the concepts of traces, scriptures and proposed events of Jacques Derrida, the body look of Marcel Mauss, the studies conducted for the Master's degree dissertation, as well as the new field research with the players. From a comprehensive analysis of the rehearsal, Catopês and its events, it is tested a narrative that addresses the specificities of this type of demonstration and reinforce the need to seek procedures for the specifics of the Brazilian popular scene.

**Keywords:** Traces. Catopê. Spectacular Rites. Events. Scriptures.

As promessas estão presentes no imaginário festivo brasileiro com seus ritos espetaculares. Prometemos, e neste ato de fé temos cenas festivas em que destacamos os ensaios como espaços de acontecimentos. Trataremos da cena popular das festas tradicionais de Montes Claros, no norte de Minas Gerais, atentos às experiências do sentir e ser afetado. Adentraremos no espaço do cotidiano festivo, entendendo que a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Partimos do entendimento de que o saber da experiência está colado no indivíduo em quem a encarna, onde o acontecimento é comum e a experiência singular (BONDÍA, 2002). Apreciaremos o universo cotidiano dos ensaios que colam os afetos, as heranças e o sentir de rastros de comemorações anteriores dos brincantes. Os ensaios são momentos de acontecimentos que revelam o que chamaremos de escrituras. Propomos uma crítica para esta cena por meio da descrição, da contextualização, da interpretação e da avaliação do ensaio no dia 7 de maio para as Festas de Agosto de 2011. Buscaremos reencontrar o uso dos sentidos, aprendendo a ver melhor, a ouvir melhor e a sentir melhor (SONTAG, 1968), organizando o olhar para o exercício de uma crítica que consiga incluir no estudo da obra o que trata da sua essência (SONTAG, 1968), neste caso que atenda às particularidades desta manifestação popular, norte-mineira e brasileira.

No Congado, em Montes Claros, temos os Ternos de Marujos, de Caboclinhos e de Catopês que concentram suas manifestações tradicionalmente entre os meses de maio e agosto. As Marujadas ou os Marujos são a fusão de elementos de tradições luso-espanholas (QUEIROZ, 2005), representando as lutas entre mouros e cristãos. Os Marujos usam vestimentas nas cores, azul e vermelho, sendo o azul para representar os cristãos e o vermelho para representar os Mouros (QUEIROZ, 2005). Em Montes Claros, temos uma Marujada que se veste de branco. Os Caboclinhos representam os índios brasileiros, os nativos da América. Luiz da Câmara Cascudo descreve os Caboclinhos como sendo grupos fantasiados de índios (2002). A Caboclada se apresenta nas festividades dos santos de devoção vestindo-se com saias de

penas e camisas vermelhas (COLARES, 2005). O Terno de Caboclinhos juntamente com as duas Marujadas louvam o Divino Espírito Santo. (*apud* MALVEIRA, 2011). Os Catopês representam alguns dos primeiros nativos africanos que foram trazidos ao Brasil no período da colonização; nas festas eles louvam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os Catopês são uma modalidade de Congo, com os seus Reis e a Corte que desfilam e dançam (CASCUDO, 2002). Para Saul Martins:

O Catopê “é o índio africano, menos vistoso do que o nosso, contudo é mais comunicativo, de penas, usa cocar. Nem leva arco. Um manto colorido, atado ao pescoço, cobre-lhe as costas e quase lhe toca os pés (1988, p. 31, *apud* MALVEIRA, 2011).

Em Montes Claros, os Catopês têm as cores rosa e azul e mostram a sua singularidade representando os negros africanos e seus descendentes brasileiros no Congado. São os Catopês, Catupes, Catopês denominações diferentes para o mesmo representante negro no Congado. Os Catopês vestem de roupas brancas, seus capacetes enfeitados de fitas coloridas e penas de pavão. Saem às ruas com seus cantos, instrumentos e danças.

No dia 7 de maio ano de 2011, um sábado, ouvimos os sons dos tamborins, das caixas (tambores) e dos pandeiros no bairro Renascença. Os batuques começam às 18 horas com a chegada dos participantes do Terno<sup>1</sup> de Catopês de São Benedito<sup>2</sup> à casa do Mestre, seu Zé Expedito. O portão fica aberto, todos vão chegando e atravessando um longo corredor que leva a uma pequena área da casa ao fundo. Tudo é muito simples. Na área, podemos ver a sala com sofá, televisão, uma estante com fotos de família e dos Catopês, uma bandeira/estandarte com a imagem de São Benedito, um quadro de Nossa Senhora e outro de Jesus Cristo nas paredes na cor azul-claro. Somos recebidos com alegria por seu Zé, o Mestre, Dona Dora, filhos e Netos. Apertos de mãos, tomada de bênção, abraços e Dona Dora, quase sempre sai por uma cortina rendada vinda da cozinha com sorriso tímido, um abraço e perguntas sobre a família. Temos o cenário cotidiano que nos apresenta corpos no seu dia a dia. Aos poucos os sons vão se fazendo presentes. Os netos passam para lá e para cá com seus minipandeiros já tirando as primeiras músicas. Constatando a presença do seu filho Vanderley e uma quantidade razoável de participantes, o Mestre pega o tamborim maior, olha para seu filho, faz a saudação e tira uma marcha:

Olhai Jesus  
Olhai Jesus  
Olhai Jesus  
Mas que promessas  
São aquelas  
Que vai e que vêm.  
Mas que promessas

---

<sup>1</sup> Os Ternos de Catopês de Montes Claros são conduzidos pelos Mestres Zanza, Mestre João e Mestre Zé Expedito (MALVEIRA, 2011).

<sup>2</sup> (...) Os africanos consideravam São Benedito como seu patrono, talvez pela particularidade de ser santo de cor preta; em seu louvor celebravam festas religiosas em que se exibiam diversões profanas, (...) (CASCUDO, 2002, p. 62).

São aquelas  
Que vai e que vêm  
(Terno de São Benedito, Montes Claros, 7 de maio de 2011)

Naquele momento mergulhamos em imagens que vão e vêm trazendo à tona promessas, cenas coloridas e vivas das festas passadas. São imagens de outros participantes que não estão presentes naquele dia, imagens, os cheiros, o sol, as caminhadas, os sorrisos nas ruas, o cansaço nas noites, a emoção ao pé do mastro em nosso Congado. Vêm à mente corpos felizes, ativados pela brincadeira das festas. Corpos que trazem à memória rastros dos negros que habitaram a região Há mais de 150 anos. São rastros entendidos por Derrida como partes que formam os acontecimentos e as coisas. Estes rastros revelam o que Derrida entende como escrituras. Tatiana Grenha nos fala ao que Derrida irá chamar de impossibilidade no corpo da língua, dá lugar à sua “fúria apropriativa”, onde o autor vai renomear seu conceito de “escritura”, sendo um “certo modo de apropriação apaixonada e desesperada da língua” (GRENHA *in* DUQUE-ESTRADA, 2004).

Naquele ensaio, cada um revive seus rastros das festas, vivem naquele acontecimento, escrituras de um legado; somos corpos alterados por aquela experiência do sentir. Somos afetados pelo ritmo e as vozes. Temos a cena popular de artistas “anônimos” que se inscrevem no que Derrida irá chamar de acontecimentos. Estamos ali misturados, herdeiros e afetados: pontua:

A diferença entre herdar e ser afetado se funda precisamente no fato de que quando se é apenas afetado pouco ou nada se espera de nós. Herdar, por outro lado, significa passar a ser responsável por algo, isto é, ter de responder pelo que se herda e tomar decisões a seu respeito. Herdar um segredo é herdar aquilo que não se conhece plenamente, que só se mostra como enigmático, contraditório, desafiador. A herança, em Derrida, é a herança de uma tradição na qual inúmeras possibilidades, heterogêneas e sem unidade, nos impõem a uma infundável tarefa de crítica e de escolha. Ela nos convoca à leitura de um enigma, cobra-nos uma interpretação, uma compreensão e, por fim, uma decisão (SARAMAGO, Ligia *in*: DUQUE-ESTRADA, 2004, p.74).

Estamos nas lembranças da festa, temos instaurado um corpo festivo, um corpo social que traz nos rostos a mesma fisionomia e vozes com o mesmo grito, um único corpo, uma mesma alma (MAUSS, 2003), que traz seus rastros cotidianos, revelam rastros ancestrais, inscritos no agora. São feições de simplicidade, de fé e devoção de corpos em prece e descontração nas marchas e dos dobrados que são os ritmos da festa. Na marcha nossos movimentos são de passos pé ante pé, com um pequeno contraponto, onde o corpo fica inclinado levemente para frente e os braços flexionados geralmente com os instrumentos nas mãos. Lembramos das filas em meia-lua, tendo à frente o Mestre, o Caixeiro, o Contramestre e os Guias e os Porta-Bandeiras com os estandartes com a imagem do Santo.

O Mestre olha para o Caixeiro, que muda o ritmo para o dobrado, ritmo mais rápido; repentinamente os corpos buscam uma ginga para acompanhar os instrumentos. Os corpos ganham agilidade nos movimentos marcados por passos mais rápidos no contraponto dos pés, seguidos por um pequeno chute para frente. O corpo oscila sua inclinação para frente e para trás, levemente

projetando o peito e o queixo para cima. Em momentos de descontração os passos se dilatam, promovendo o elevar dos joelhos alternadamente quase até a altura da cintura do brincante. Às vezes este movimento ganha um giro de 360 graus com um pequeno salto que deixa o Catopê levemente sem o contato com o chão, as fitas do capacete formam uma espiral de cores ao redor do corpo do brincante, que dá gargalhadas descontraídas. Temos um corpo espetacular liberto, passado e presente, escrituras de um povo que se faz visível diante das desigualdades de séculos que ainda ameaçam esta manifestação.

O Mestre diz “aoi!”<sup>3</sup>, os instrumentos param. Estamos novamente na casa de seu Zé. Nossos corpos suados e afetados pelo ensaio. Dona Dora fala, vindo da cozinha com um copo de suco: “hoje não tem café, porque vocês dançaram igual nas festas. Benza Deus! Precisam agora é acalmar”. Terminamos o primeiro ensaio deste ano, e tudo que vivemos na festa do ano passado passou por nosso corpo nos lembrando das “promessas que são aquelas, que vai e que vêm” e que começam a preparar os Catopês para as próximas festas que virão sempre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Leituras Seme**. Revista Brasileira de Educação. I Seminário Internacional de Educação, Campinas 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6ª Edição. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. **Desconstrução e Ética. Ecos de Derrida**. Ed. PUC-Rio, Rio de Janeiro; São Paulo; Loyola, 2004.
- MALVEIRA, Ricardo Ribeiro. **Os Catopês de São Benedito em Montes Claros: Rastros de Uma Ancestralidade Mineira Negra e Festiva**. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2011.
- MARTINS, Saul. **Congado: Família de sete irmãos**. Belo Horizonte, SESC, 1988.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves, Cosac Naify. São Paulo 2003.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Performance Musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros**. Tese/Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.
- SONTAG, Suzan. **Contre L'interpretation**. In : L'Oeuvre Parle. Trad. Philippe Degaille. Paris; Seuil, 1968.

---

<sup>3</sup> Expressão que o Mestre Zé Expedido diz quando quer que todos parem os instrumentos.